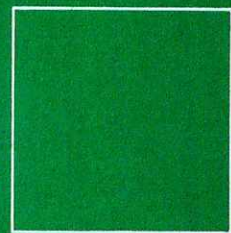


# *Nova Renascença*

*publicação trimestral*



*Abril/Setembro*

*Primavera  
Verão de 1988*



## ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS

### FERNANDO PESSOA E A «RENASCENÇA PORTUGUESA»

O regresso à terra da sua infância feliz despertou no jovem Fernando Pessoa um patriotismo exacerbado, que reiteradamente exprimiu nas suas notas íntimas. A pátria estava ligada para ele, sem dúvida, à memória do Pai, acordada no seu exílio afectivo pelo segundo casamento da Mãe, que o levava à expatriação na África do Sul e na língua inglesa. A sua opção por Portugal traduz-se na célebre frase: «*Minha pátria é a língua portuguesa*».

O período de iniciação do poeta à literatura nacional foi marcado pelo encontro com as figuras de Garrett, Antero e Junqueiro. Mas a maior influência veio-lhe de António Nobre. Considerando que dele partiam «*todas as palavras de sentido lusitano*», Pessoa não hesitou em escrever: «*Quando ele nasceu, nascemos todos nós*»<sup>1</sup>.

Por esta época, ele ia seguindo com angústia a evolução da situação do país, que considerava numa fase decadente da sua história. Na sua passagem pelo Curso Superior de Letras, não ficou alheio à repercussão da greve académica de 1907 contra a ditadura de João Franco. Acompanhou apaixonadamente o regicídio e a revolução do 5 de Outubro. A sua reacção perante estes acontecimentos coadunava-se com o seu temperamento anti-totalitário, adverso do fanatismo e da intolerância. Mas, para Pessoa, a revolução republicana não representara um impulso nacional, porque a sua proclamação não estabelecera a paz mas sim o sobressalto, a defesa e a confusão e, em vez da continuidade nacional, surgira uma continuidade partidária.

Consciente da necessidade de uma renovação nacional, o poeta empenhou-se então num patriotismo activo, concebendo vários projectos de publicações, com intuítos reformadores. Entretanto, pouco tempo depois de proclamada a República, apareceu no Porto a *Renascença Portuguesa*. Como assinalou Pessoa, com ela se iniciou a «*organização da cultura nacional*» no séc. XX, sendo, nesse plano, «*a primeira tentativa que se fez em Portugal*»<sup>2</sup>.

Pessoa considerava Teixeira de Pascoaes, sua figura carismática máxima, «*um dos maiores poetas vivos e o maior poeta lírico da Europa actual*», isto se se lhe fizesse justiça! Ao tomar a direcção literária da revista *A Águia*, na sua 2.<sup>a</sup> série, o poeta de *Sempre* tinha já publicado algumas das suas principais obras, que davam a dimensão do seu génio poético e metafísico, de pendor panteísta. A partir daí ele fez consagrar o *Saudosismo* como poética da *Renascença Portuguesa*: a Saudade é afirmada, na sua eterna renascença, como consciência da «Civi-



lização Lusitana». A seu lado, Leonardo Coimbra apresenta-se como o intérprete filosófico do movimento, através do seu *Criacionismo*.

O intenso patriotismo dos primeiros tempos de Fernando Pessoa encontra a sua expressão plena no ideário renascentista. Os poetas da *Renasença Portuguesa*, segundo ele, «*puseram-se a elaborar — como poetas, por certo, mas pelos poetas é que estas coisas começam — uma atitude perante o sistema do Universo, que se revelasse portuguesa inteiramente*»<sup>3</sup>. Tal era também o seu próprio escopo.

A adesão de Pessoa à *Renasença Portuguesa* deve pois ser vista como sincera. Ele considerava-se, então, «*quanto há de mais renascente em toda a extensão da alma*», nas cartas dirigidas a Álvaro Pinto com que acompanhava a sua colaboração<sup>4</sup>. O administrador da revista comentou a propósito, de modo significativo, em comparação com a atitude de outros elementos do grupo lisboeta do movimento: «*Lisboa esteve a princípio em benévola simpatia, mas depressa se dividiu em grupos de adversários intransigentes, de neutros e de amigos leais. Dentre os últimos um houve que mostrou logo sua admiração pelos novos poetas e pela finalidade da Renasença. Foi Fernando Pessoa. Chegaram ao Porto repetidas notícias desse entusiasmo ...*»<sup>5</sup>.

Quiseram alguns notáveis intérpretes pessoanos, como João Gaspar Simões, Jorge de Sena e Georg R. Lind, ver nos artigos publicados por Fernando Pessoa n' *A Águia* uma intenção programática, mas ela aponta já para as poéticas do que virá a ser o Modernismo, não se cingindo à da *Renasença*, que tinha de resto um horizonte próprio, diferindo como diferia Pascoaes não só das vanguardas estéticas mas até do pós-simbolismo que ainda tocará *Orpheu*. Sem falar dos seus fins pedagógicos e cívicos, enquanto sociedade cultural, que acima de tudo era.

A concretização dessa «*obra de perfeição social, de amor e de justiça*», como lhe chamou Jacinto do Prado Coelho<sup>6</sup>, durou o suficiente para se avaliar da sua importância e das suas possibilidades. Ela só foi interrompida pela Grande Guerra, em cuja participação o movimento via um imperativo patriótico, o mesmo que desde a sua fundação presidira à *Renasença Portuguesa*.

Fernando Pessoa iniciou a sua colaboração n' *A Águia* em 1912, quando a revista passou a ser o órgão do movimento portuense. Ele empreendeu, em primeiro lugar, uma análise crítica intitulada «*A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada*». Tomando as correntes literárias como a expressão do estado social e do período histórico de um país, o poeta cotejou as principais épocas da França e da Inglaterra e as respectivas literaturas, principalmente a inglesa, de que tinha profundo conhecimento, procurando a partir daí estabelecer uma analogia com o movimento socio-literário português.

Extrapolando as «*intuições proféticas*» de Pascoaes sobre «*o futuro glorioso*» que esperava Portugal, Pessoa propunha-se iluminar essas intuições de um «*místico*» com o que pretendia ser o seu «*raciocínio matemático*». Segundo ele, a nova corrente literária, a que atribuía um cunho «*absolutamente nacional*» e «*inconfundivelmente original*», era caracterizada pela elevação do tom poético. Prova disso, o facto de conter grandes figuras nacionais e grandes poetas, entre os quais destacava Junqueiro e Pascoaes, e sobretudo, deste, a *Vida Etérea*. Dela citava dois versos extraordinariamente significativos: «*A folha que tombava / Era alma que subia ...*».



Impressionava-o também a metáfora «*choupos d'alma*», de Jaime Cortesão, outro poeta e mentor da *Renascença Portuguesa*. «*Em nenhuma literatura do mundo — escrevia Pessoa — atingiu nenhum poeta maior elevação do que estas expressões, e especialmente a extraordinária primeira, contêm*»<sup>7</sup>.

A originalidade da nova poesia portuguesa residia, para ele, na «*espiritualização da Natureza*» e, ao mesmo tempo, na «*materialização do espírito*». Daí decorria uma poética de laivos filosóficos, a que chamou o «*transcendentalismo panteísta*»<sup>8</sup>. Ela apresentava-se, com efeito, como «*absorvente metafísica*», quando analisada no seu «*aspecto psicológico*», análise que Pessoa intentou fazer num outro artigo publicado n'*A Águia*. Desenvolvendo a sua tese num sentido já profético, Pessoa foi enfim levado a ver nessa poesia a prefiguração do «*supra-Portugal de amanhã*», que se anunciaria através de um «*poeta supremo*», o «*supra-Camões*». É a sua série de artigos terminava num tom de messianismo algo grandiloquente: «*A nossa grande Raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço, em naus que são construídas daquilo de que os sonhos são feitos*»<sup>9</sup>.

Estas afirmações retumbantes de Fernando Pessoa provocaram uma certa perplexidade nos poetas do grupo d'*A Águia*, pela transcendência filosófica que ele lhes atribuía e de que era bem elucidativa a atribuição de uma «*divinização da saudade*». Mas, como dizia o jovem analista, «*Pascoaes está criando maiores coisas, talvez, do que ele próprio mede e julga. A alma lusitana está grávida de infinito*»<sup>10</sup>.

Álvaro Pinto comentou a este propósito: «*O artigo causou forte impressão e algumas reacções contrárias. Resolvi, porém, dar todo o apoio a Fernando Pessoa e pus a revista à sua disposição. Foram, mais tarde, bastante azedos os remos que recebi, sobretudo de velhos escritores e poetas, por causa do advento dum Supra-Camões, preconizado por Fernando Pessoa. Nada impediu que ele continuasse a colaborar enquanto o desejou*»<sup>11</sup>.

Impõe-se salientar, desde logo, que o mito camoniano era concebido de modo diferente por Pascoaes e Pessoa. Se a partir do neo-garrettismo do fim do século, e na sequência do Romantismo, a figura de Camões tinha sido poeticamente transfigurada, essa transfiguração atingira o auge com o Saudosismo. Para Pascoaes, na verdade, «*Camões é uma divindade portuguesa*» e Portugal «*o único país cuja autonomia se tem firmado sobre o nome de um poeta*»<sup>12</sup>. Dentro do conceito pascoalino de divindade, Camões surge assim como um deus pagão e *Os Lusíadas* são tomados como os «*Evangelhos do Mar*».

Para Pessoa, pelo contrário, Camões tinha já sido superado como poeta nacional, depois da publicação da *Pátria* por Junqueiro. Por isso o grande poeta, que a nova poesia portuguesa irá gerar, «*deslocará para segundo plano a figura, até agora primacial, de Camões*»<sup>13</sup>. «*Supra-Camões*» lhe chama ele, por se tratar de um poeta não só de «*grau superior*» mas até de «*Ordem superior*» ao do nosso «*ainda primeiro Poeta*». Ao criar o novo mito supra-camoniano, Pessoa diminuía portanto o Épico, a quem chegou a chamar o «*italianizado Camões*»<sup>14</sup>.

Não admira que tal iconoclastia o torne vulnerável, em particular no inquérito sobre o Saudosismo promovido pelo jornal *República*. Entretanto, em relação a este inquérito, Pessoa não deixa de manifestar, embora defendendo-a, alguma reserva perante a *Renascença Portuguesa*, bem



expressa numa carta a Álvaro Pinto de 4 de Março de 1913, em que lhe dá conta de um folheto que pensava escrever a esse respeito: «*O meu amigo compreende bem: eu não sou para cousa alguma que se pareça com coterie ou seita, e acho do meu dever atacar o que de seita e coterie se tem misturado com os altos propósitos e a fundamental verdade nacional da Renascença. É nestas condições, e no tom que isto indica, que eu escrevo o folheto. Não tenha dúvidas sobre que ele seja uma ampla e completa defesa da Renascença. Mas, para o ser, urge que seja uma defesa do que nela é bom, que é muito, e um ataque firme e explicado ao que nela é mau, que é alguma cousa*»<sup>15</sup>.

Por essa altura, Fernando Pessoa recebia de Mário de Sá-Carneiro a descrição do ambiente literário e artístico da modernidade parisiense. Na sua correspondência, um e outro iam trocando as produções que então os ocupavam, bem como as suas impressões sobre leituras e acontecimentos recentes. Assim, Pessoa lia com regularidade o *Mercur de France*, onde Philéas Lebesgue, correspondente da *Renascença Portuguesa*, escrevia as suas «*Lettres Portugaises*». Pela sua parte, Sá-Carneiro fazia muitas vezes uma crítica áspera e irónica a alguns elementos do grupo da «*Grande Ave*», como chamava à revista *A Águia*.

Apesar da influência das vanguardas europeias e do início de uma fase de crítica à *Renascença*, Pessoa continuava porém a defendê-la de ataques exteriores e interessado não somente em colaborar n' *A Águia* como, também, em «*ajudar a dar qualidade e variedade ao movimento*», através de novos colaboradores, de que pretendia promover a revelação, como António Cobeira, que viu publicada a sua poesia «*Romaria das Árvores*», e Cortes Rodrigues, de que fez sair alguns sonetos. E até Sá-Carneiro, já na maioridade literária, não desdenhava afinal de colaborar n' *A Águia*, aí publicando o conto «*O Homem dos Sonhos*» e ainda «*O Fixador de Instantes*», enviado directamente a Álvaro Pinto. Pessoa, pelo seu lado, além do conhecido artigo sobre «*As Caricaturas de Almada Negreiros*», deu a lume em Agosto de 1913 um texto que se tornou famoso, «*Na Floresta do Alheamento*», apresentado como fazendo parte de uma obra então anunciada: *O Livro do Desassossego*.

Álvaro Pinto, nas anotações que fez às cartas do poeta, observou: «*Fernando Pessoa pedia repetidas vezes que lhe falasse com toda a franqueza sobre o que propunha para A Águia. Mas bastava uma pequena observação, a menor estranheza, para que logo se susceptibilizasse. As cartas mais impressivas que dele recebi são precisamente aquelas em que teve de reagir contra o menor reparo feito ou sobre a menor discordância*»<sup>16</sup>. O primeiro incidente surgiu quando, em Maio de 1914, Fernando Pessoa lhe escreveu: *Mandar-lhe-ei para a Renascença, caso queira editar, um escrito meu — uma peça num acto dum género especial a que eu chamo estático. Claro está que o meu amigo com toda a franqueza me dirá, depois de ler a peça, se convém realmente editá-la. Exijo, e não me ofenderei com uma recusa, uma franqueza absoluta*. Apesar destas afirmações, na ausência de uma resposta e depois de uma conversa, em Lisboa, com Jaime Cortesão, relativa às edições da *Renascença*, enviou a Álvaro Pinto, em 12 de Novembro do mesmo ano, uma carta decisiva, em que se declarava ofendido ao ponto de desistir de escrever para a revista. É já em tom de separação que afirma: «*Sei bem a pouca simpatia que o meu trabalho propriamente literário obtém da maioria daqueles meus amigos*



cuja orientação de espírito é lusitanista e saudosista; e mesmo que não soubesse por eles mo dizerem ou sem querer o deixarem perceber, eu a priori saberia isso, porque a mera análise comparada dos estados psíquicos que produzem, uns o saudosismo e o lusitanismo, outros obra literária do género da minha e da (por exemplo) de Mário de Sá-Carneiro, me dá como radical e inevitável a incompatibilidade de aqueles para com estes»<sup>17</sup>.

Para Gaspar Simões, esse era o fim inevitável de um «equivoco» poético, crítico e metafísico. Considerando o poeta um «espírito essencialmente lógico e discriminador», o ensaísta explicava a ilusória adesão a «uma escola literária com cujas ideias não estava afinal de acordo», pela razão de acreditar que «o que mais importava naquele momento era uma renascença intelectual, viesse de onde viesse, qualquer que fosse o método que a norteasse»<sup>18</sup>. Na verdade, pensando Pessoa não haver «outro problema hoje mais importante do que criar uma alma portuguesa», e sendo esse o objectivo da *Renascença Lusitana* (como Pascoaes preferia que se lhe chamasse), ele não hesitou em fazer parte do movimento. E a separação da *Renascença* não foi mais do que a consequência da actualização de discrepâncias latentes, em termos estético-literários e não patrióticos.

Os onze anos que separam Pessoa de Pascoaes bastam, aliás, para demarcar as respectivas gerações. Sem esquecer também as diferenças de origem, balizadas pelos contrastes Norte / Sul, montanha / cidade. Mas a causa principal da ruptura de Fernando Pessoa com a *Renascença Portuguesa* foi, sem dúvida, a de ter-se tornado a figura central do Modernismo, movimento oposto ao Saudosismo.

O poeta tinha reunido à sua volta, na verdade, um círculo de amigos da sua geração, mesmo antes do regresso de Paris, por força da guerra, de Sá-Carneiro e de alguns artistas como Santa-Rita Pintor e Amadeo de Souza Cardoso. A publicação numa revista de Lisboa, curiosamente também com o título de *Renascença*, da poesia «Impressões do Crepúsculo», iniciada com a famosa palavra «Pauis», foi o início de uma corrente modernista original: o *Paülismo*. Desenvolvendo-se no sentido da «complexidade», como antevira n' *A Águia*, o *Paülismo* desemboca, depois, no Sensacionismo e no Interseccionismo. *Orpheu* ia nascer: renascer.

Por essa época, Fernando Pessoa cria os grandes heterónimos, a começar por Alberto Caeiro, modelado a partir de Pascoaes. Paradoxalmente, Caeiro apresenta-se ainda como um poeta da Natureza. Mas o panteísmo pascoalino é diferente do seu. Caeiro é um Pascoaes virado do avesso, embora, repare-se, «sem o tirar do lugar onde está»<sup>19</sup>! Tão fortes eram as raízes da *Renascença Portuguesa*!

À fusão do Paganismo e do Cristianismo, que constituía para Pascoaes «a ideia-mãe da Nova Renascença», contrapõe entretanto Pessoa um «Paganismo Superior», em que se cruzam todas as formas do Cristianismo com todos os «paganismos mortos e vivos»<sup>20</sup>. Trata-se, afinal, do desenvolvimento e da universalização da «Weltanschauung» religiosa do poeta das *Sombras* pelo poeta da *Mensagem*, cuja complementaridade se torna manifesta.

É certo que, temperalmente, as suas personalidades se chocavam. Se, para Pessoa, Pascoaes «sofria de pouca arte», este não foi para com ele menos injusto, indo ao ponto de afirmar: «Pessoa não foi poeta porque foi dotado de raciocínio matemático». Mas trata-se de reacções naturais

em espíritos que voavam, ambos, à altura da «Grande Ave». Em Portugal, e na primeira metade deste século, os nossos dois maiores poetas disputavam o primeiro lugar, sob o signo da «*poesia auroral de uma Nova Renascença*».

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Fernando Pessoa, *Páginas de Doutrina Estética*, Ed. Inquérito, Lisboa, s/d, p. 45.
- <sup>2</sup> Fernando Pessoa, *Da República*, Ed. Ática, Lisboa, 1978, p. 201.
- <sup>3</sup> *Idem, ibidem.*
- <sup>4</sup> «20 cartas de Fernando Pessoa a Álvaro Pinto», in *Ocidente*, vol. XXIV, n.º 80, Dez. 1944, p. 306.
- <sup>5</sup> *Idem*, «Anotações», p. 317.
- <sup>6</sup> Jacinto Prado Coelho, [entr. «Saudosismo»], in *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, Liv. Figueirinhas, Porto, 1969, 2.º vol., p. 1006.
- <sup>7</sup> Fernando Pessoa, *A Nova Poesia Portuguesa*, Ed. Inquérito, Lisboa, 1944, p. 43.
- <sup>8</sup> *Idem*, p. 83.
- <sup>9</sup> *Idem*, p. 86.
- <sup>10</sup> Fernando Pessoa, *Sobre Portugal*, Ed. Ática, Lisboa, 1979, p. 177.
- <sup>11</sup> «20 cartas de Fernando Pessoa a Álvaro Pinto», *art. cit.*, «Anotações», p. 127.
- <sup>12</sup> Teixeira de Pascoaes, «Camões», in *A Águia*, 2.ª série, n.º 6, Junho, 1912, p. 173.
- <sup>13</sup> Fernando Pessoa, «A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada», in *A Águia*, 2.ª série, n.º 4, Abril, 1912, p. 106.
- <sup>14</sup> Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, Ed. Ática, Lisboa, 1966, p. 121.
- <sup>15</sup> «20 cartas de Fernando Pessoa ...», *art. cit.*, p. 308.
- <sup>16</sup> *Idem*, p. 318.
- <sup>17</sup> *Idem*, p. 316.
- <sup>18</sup> João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, Liv. Bertrand, Lisboa, s.d., pp. 137-140.
- <sup>19</sup> Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas ... ob. cit.*, pp. 344-345.
- <sup>20</sup> Fernando Pessoa [entrevista] in *Revista Portuguesa*, n.º 23-24, 13-10-1923, p. 22.